

BATE-PAPO • Harley Fagundes

O que a **BRS Formosa** tem?

Fotos: Alessandra Vale



No fim de 2014, equipe do projeto “Impacto da pesquisa participativa do melhoramento genético da mandioca no bioma caatinga” gravou depoimentos de produtores do centro-sul baiano sobre suas experiências com a BRS Formosa. Essas entrevistas vão compor o vídeo-documentário sobre a adoção e o impacto de variedades melhoradas no bioma Caatinga. Na ocasião, o técnico **Harley Fagundes**, do escritório de Guanambi da antiga Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), também entrevistado, fez um histórico da adoção da variedade pelos produtores e suas vantagens.

Fale sobre a adoção da BRS Formosa na região.

Harley Fagundes – Até o fim de 2005, eu era técnico do Banco do Brasil e, em todo financiamento para a região, a mandioca nunca tinha sucesso, morria, e o pessoal falava que era por causa da seca. Como a gente não tinha conhecimento do que estava acontecendo, terminava que o seguro cobria isso como seca. Começamos a visitar os campos e, na qualidade de agrônomo, identifiquei que não era a seca que estava matando a mandioca, mas sim uma doença, a bacteriose. Quando se descobriu isso, sentimos a necessidade de introduzir uma variedade resistente ou tolerante à doença. Foi quando procurei a EBDA em Caetiú e disseram que tinha uma nova variedade da Embrapa que estava sendo cultivada na região. Trouxemos essa variedade para Guanambi, para um campo experimental de um hectare. Depois de pouco mais de um ano, avaliamos isso e foi um sucesso. Enquanto se produzia na época 70 sacos de farinha, conseguiram-se produzir 102 sacos nessa área. Juntamos os produtores da região, eles viram o re-

sultado e começaram a expandir. Aos poucos, essa mandioca foi substituindo as que existiam aqui. Havia variedades que eram de boa qualidade, mas não eram resistentes à bacteriose e começaram a desaparecer. Hoje só tem a [BRS] Formosa. Passamos por quatro anos de seca grande quando mandioca nenhuma resistiu. Aos poucos, com a volta da chuva, estão recompondo as áreas.

Vocês trabalham com multiplicação?

HF – No início, tínhamos a preocupação, a EBDA com apoio da Embrapa, de fazer com que o produtor multiplicasse isso, mas depois o sucesso foi tão grande que nós não precisamos interferir mais. O próprio produtor sabe o que é bom para ele. A única coisa que o produtor nos pede até hoje é que a gente, junto com a Embrapa, introduza outra variedade que seja também resistente à bacteriose e que tenha as qualidades da [BRS] Formosa, porque é muito perigoso trabalhar com uma variedade só. Não vamos dizer que a [BRS] Formosa vai ficar resistente a vida inteira. Um dia ela pode perder a resistência.

Quais são as suas principais vantagens?

HF – O que os produtores falam, primeiro: é muito resistente à seca. Segundo: é uma variedade que fica viável o ano todo. Em qualquer tempo, você pode arrancar e fazer sua farinha e seu polvilho. Outra coisa também é a produtividade. É muito boa de produção, tanto da farinha como da fécula. Isso é importante porque muitos produtores exploram a tapioca em vez da farinha. Além disso, no semiárido tudo serve de alimento para animais e todo agricultor é um pequeno criador, então ele utiliza as ramas como alimento animal. Para os tratos culturais, é mais fácil do que as outras porque tem uma formação *linheira*, não é *engalhada*. Também dá uma produção de ramas e manivas por hectare muito maior do que as outras. Se você der um corte no tempo para plantar, em uma haste daquela vão nascer de dez a 12 hastes no lugar. Nesses últimos anos, vendemos manivas para vários lugares. Foi mais uma fonte de renda para os produtores. ■